

COM PAI WALTER D'NKOSI

assentamentos de louça. Quanto às festas de povo de rua, hoje em dia vemos pagode, desfiles de moda, uma falta de respeito. Todos bebem e fumam. Uma falta de concentração até porque antigamente não podia nem cruzar os braços. A Umbanda que eu conheci está bem modificada. Vemos hoje os “Umbandomblé” e “Candombandas”. “Umbandomblé” porque a casa é de Umbanda e acha que sabe Candomblé. Colocam adê em santo de Umbanda. As casas têm cumieira e chão plantado. Antigamente era tronqueira e a imagem do santo. Hoje vemos casa de exú com assentamos e tudo mais. Na Umbanda não existia nem sacrifício. Nos “Candombandas” vemos, por exemplo, filho de Iansã cuja escrava dela tem que ser Maria Padilha.

Pai Anderson: O que o senhor poderia comentar a respeito do Babalaô e sobre o método adivinhatório em Angola?

Pai Walter: Isso é uma febre. Pelo que eu estudo, o babalaô é escolhido, nasce aprendendo e estuda a vida toda. Não basta querer. Hoje temos cursos de 2 meses onde uma pessoa vira babalaô. Quem é iniciado em culto de Orumilá não dá santo. Aqui vemos babalaô ainda dando santo e Ifá não conhece Angola. Nós temos os nossos oráculos, o nosso método adivinhatório. Dentro das tradições banto o método adivinhatório chama-se ngombo. A pessoa é escolhida por Kaiango e, para a confirmação, contamos com a presença de um antepassado. Este pode manifestar-se na pessoa, em um parente próximo ou através de uma doença. A iniciação se dá por vários Tata Ngombo. Ngombo é o deus da verdade. Aqui no Brasil, não existem pessoas aptas para a realização deste tipo de iniciação. Para você ser consagrado um sacerdote, você tem que ser adivinho mesmo. Você recebe um cesto adivinhatório com várias peças esculpidas, partes de animais e uma série de outras coisas que existem dentro do cesto. É uma coisa que é até desagradável, eu acho que não tem nada a ver, mas tudo bem. Eu já estive com vários Babalaôs que afirmam que eles não morrem à tiro. Que bala não pega em Babalaô. Eu conheço um Babalaô aqui no Brasil que mataram à tiro.

Pai Anderson: Com relação a Angola antiga, por que houve a migração de alguns membros dessa raiz para o ketu?

Pai Walter: Creio que devido à má informação das pessoas. Você só começa a participar de algo nos bastidores depois da obrigação de 7 anos. Uma pessoa com 8 anos de santo em uma casa de Angola não está apta a abrir casa de santo porque ela nada sabe. A única coisa que ela sabe é tirar axé, fazer comida de santo e rezar. Kambondo (ogã) que não é confirmado não participa de sacrifícios de quem é confirmado. Ele pode até tocar o atabaque, mas não participa do corte. A mesma coisa ocorre com a makota. A mesma não toca adjá, não vira santo sem ser confirmada. Outro ponto importante é que em Angola não há a questão de qualidade de santo. A questão do jogo de búzios também é diferente. Muitos vão à casa de Candomblé para somente saber seus santos de cabeça. Em Angola, não se chega da rua com o corpo sujo para saber questões relativas a santo. O correto é chegar à casa, descansar o corpo, tomar um banho de ervas, dar um obi a sua cabeça para, posteriormente, sentar-se à mesa de búzios.

Pai Anderson: Na nação Angola, quais são as ramificações, os axés mais conhecidos?

Pai Walter: Temos o Tumbesi, este com poucos descendentes, ou seja, casas abertas. Seu Ciriaco, Bernardino Bate-Folha. A raiz do Tumba Junsara, Mansu Banduquenqué (Bate-Folha), Goméia, algumas pessoas de Beiru, Candomblé de Caboclo de Manoel de Natividade

(Neve Branca), Viva Deus, Calabetão. O maior número de descendentes é o Tumba Junsara. Tem em todo o país. Fizeram um levantamento em Salvador e foram identificadas 533 casas do Tumba Junsara. Aqui no Rio temos o Bate-Folha de Mabeji, entre outros.



Pai Anderson: Comente-nos um pouco a respeito da raiz Goméia?

Pai Walter: Seu João da Goméia foi iniciado por Severino Jubiabá que era Candomblé de Caboclo. Depois se submeteu aos cuidados de Mãe Samba Diamungo, filha de Bernardino da Paixão, fundador do Bate-Folha. Ela faleceu e João veio para o Rio de Janeiro e abriu a sua casa. A casa começou a crescer e passou a ser frequentada por intelectuais e artistas. Posteriormente, ele tomou obrigação junto com Mãe Menininha (ketu). Ele tocava um pouco de Angola e um pouco de ketu.

Pai Anderson: O senhor poderia fazer algumas observações a respeito dos meios de comunicação voltados às religiões afro?

Pai Walter: Infelizmente o Governo não libera um espaço para uma programação séria. Vemos programas de televisão e de rádio que são meramente propagandas do zelador. São consultas, ebós para diversas finalidades, agressões a outros zeladores. O que me interessa isso? Falar sobre a cultura não dá ibope. Às vezes até dá. Muitos escutam e ficam anotando pontos importantes e não dá tempo para telefonar. A maioria não quer saber de cultura. Pessoas que vêem que está errado e querem continuar fazendo errado e proferem a seguinte frase: “Desse jeito está dando certo.” Tudo dá certo até dar errado. Não é verdade? Até para ser marmoteiro tem que ter estrela, ser inteligente, pois senão vai preso.

Pai Anderson: Suas considerações finais.

Pai Walter: Eu venho, simplesmente, tentando minimizar as aberrações que ocorrem. Hoje sabemos identificar o mau sacerdote porém, muitos continuam o apoiando. Deveria ser criado um conselho que fiscalizasse essas casas que dizem ser de Candomblé e não o são. Quem é de Candomblé sabe que ao visualizar cartazes que prometem trazer a pessoa amada em um dia, soluções para qualquer tipo de coisa sabe que é marmotagem. Mas ninguém faz nada e vamos à casa dessas pessoas aplaudí-las. É uma série de pessoas que não foram iniciadas raspando santo. Temos que moralizar mais o nosso culto. Quanto maior o torso, menor o conhecimento.

Pai Walter d'Nkosi: 3685-9755 / 3274-7704

Cursos sobre a cultura Banto, atabaque e dança – nação Angola

Casa de Pai Anderson: 2273-7246

O uso de 2, 3 kelês não existe na nação Angola. Quem é iniciado em culto de Orumilá não dá orixá.